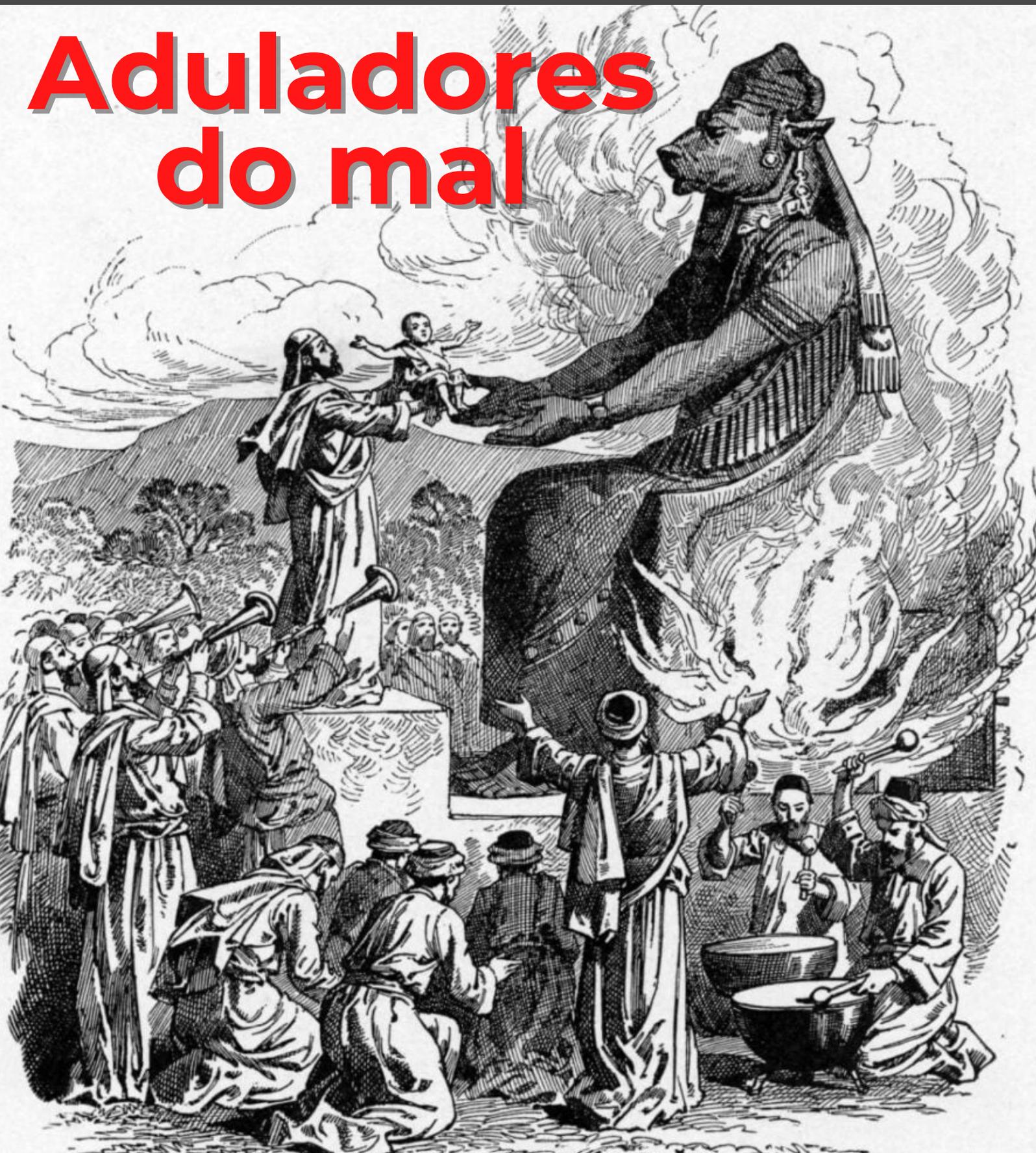


CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. 1 | Nº 25 - DEZEMBRO 2022

Aduladores do mal



Revista Conhecimento & Cidadania

Editorial

Leandro Costa – Editor-Chefe
Munique Costa – Editora Adjunta
Pedro Costa – Editor Auxiliar

Produção e Designer

Edson Araujo
Munique Costa
Leandro Costa

Redação

Edson Araujo
Pedro Costa
Munique Costa
Leandro Costa

Colunistas

Edson Araujo
Leandro Costa
Mauricio Motta
Danielly Jesus
Maria Cecília Pontes Carnaúba

Todas as entrevistas são previamente consentidas e guardam fidelidade com as declarações dos entrevistados.

O conteúdo desta edição foi produzido por **voluntários** que autorizaram a publicação de seus trabalhos, **não sendo remunerados**, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

Revista Conhecimento & Cidadania

Vol. I – Nº 25 – Dezembro de 2022

Rio de Janeiro – RJ

Curso Menezes Costa – CNPJ 28.814.886/0001-26

ISSN 2764-3867

Nota do editor

Que o nascimento de Cristo nos traga a esperança e renove nossa fé, pois, não importa o mal que se avizinha, entre nós andou o próprio Deus, que sacrificou sua carne para nos salvar.

A luz de Deus que existe em nós nunca se apagará, que o Natal nos lembre a cada ano da importância de cultivar a centelha de Deus nos homens, a fé.

Agradecemos aos que nos acompanharam neste primeiro ano de existência.

Feliz natal!!

**Revista Conhecimento
& Cidadania**



A Equipe da Revista Conhecimento & Cidadania deseja também aos leitores um ano feliz ano novo, que seja um período de vitórias pessoais e amadurecimento.

Quer nosso povo continue despertando e que toda provação seja apenas mais um obstáculo a ser superado em nossa trajetória.

Que tenhamos um ano de saúde, paz, liberdade, fé e sabedoria.

Agradecemos aos nossos leitores e que Deus nos guie e nos abençoe.

Leandro Costa
Editor-chefe

Aduladores do mal

Por Leandro Costa



O termo adulator tem como sinônimos, entre outros, adorador e bajulador, o que nos remete ao indivíduo que trata algo ou alguém como sagrado ou superior, logo, imagina-se que o leitor espera que o presente texto trate de seitas satânicas, cultos ao obscuro ou situações afins. Todavia, não será esse tipo de adoração que abordaremos, posto que, em que pese uma certa semelhança, ou mesmo real ligação, os adutores que pretendemos tratar são bem mais comuns e o mal que adoram muito mais tátil.

Alguns poderão se surpreender, mas a grande maioria dos leitores apenas constatará algo que lhe é apresentado cotidianamente, por isso, é imperioso trazer a lume um tema que nos é tão próximo. Passada a rápida apresentação, que nada tem a ver a necessidade de mastigar algo ao leitor, mas sim com a possibilidade de redimir o autor ante aos que alimentaram a expectativa de um texto focado em seitas satânicas, não que este não o seja o caso, pois, a proposta é sim expor uma espécie de culto ao mal, porém, com uma abordagem por outro prisma.

A expressão adulator, terá o significado mais próximo de seu sinônimo bajulador, ou seja, sendo usado com um tom pejorativo, haja vista, a postura de vassalagem inconsequente que é adotada por tais indivíduos.

Nada melhor que a história para nos esclarecer determinados comportamentos, sendo assim, é natural que julguemos as gerações de outrora com base nos conceitos contemporâneos, todavia, não são poucos os que insistem em repetir os erros e ignorar os alertas que nos foram dados pelas experiências malsucedidas.

É comum nos perguntarmos, como indivíduos evidentemente malignos tiveram suporte de determinados grupos para perpetrar suas nefastas obras, espalhando trevas ao seu redor e, ainda assim,

sendo aclamados por seus seguidores. Para muitos, a resposta se fia na ignorância daqueles que viveram em épocas pretéritas, partindo da premissa que não lhes foi permitido aprender com seus ancestrais, portanto, não puderam observar no passado um alerta que os levassem a evitar o mal, de maneira que, diante de algo inédito, acabaram por tomar decisões equivocadas, conferindo poderes aos déspotas que os guiariam ao precipício.

Acolher tal argumento em se tratando de civilizações da idade antiga, pode fazer sentido, uma vez que, tais sociedades não dispunham de um acervo que pudesse sorver conhecimento o suficiente como meio de precaver o mal. Assim, poder-se-ia admitir que adular tiranos naquele período, era, de fato uma atitude impensada de quem não poderia antever o quão nefasto é conferir poderes ilimitados a qualquer um que seja.

Lúcio Cornélio Sula seria então o primeiro e último a dominar, na qualidade de ditador, todo um povo, tendo em vista que, ao recuperar o poder, o Senado de Roma estabeleceu que não nenhuma tropa poderia atravessar o Rio Rubicão, evitando assim que outro comandante miliar pudesse tomar o poder subjugando a capital da então República de Roma. Ao compreender o risco, os senadores impuseram tal limite, o que foi violado por Júlio César e suas legiões que regressavam da fustigante guerra contra os gauleses, que os levou muito além da Gália, atual França.

Cabe um contraponto em relação ao que foi suscitado, pois é fácil observar que Júlio César desobedece acintosamente a regra que o impedia de transpor o Rubicão em direção à Roma, sendo assim, a medida imposta pela república romana seria eficaz, não fosse ignorada. Logo, qualquer um pode assumir que não se conferiu a Júlio César o poder de derrubar a República, sendo um golpe de Estado que o levou ao poder, bem como, os que o sucederam, corroborando assim a teoria que fato era, até então, inédito, contudo, a mitologia já continha em seu enredo a ideia de que indivíduos poderosos poderiam agir fora dos ditames legais para alçarem-se ao poder, mesmo porquê, as normas vigentes em uma sociedade, com exceção daquelas que se resumem a adaptação de conceitos oriundos do direito natural, são editadas pelos detentores do poder para, entre outro interesses, manter a sua influencia política, servindo mais aos políticos que à sociedade.

No caso de Júlio César, que emergiu ao topo da hierarquia romana alçado por suas legiões, não se pode falar em adulação, posto que, assumira o papel de um líder que se propôs a libertar o povo e seus soldados do julgo de políticos distanciados de seus deveres, carcomidos pelo poder, que atuavam somente em causa própria. Qualquer semelhança com autoridades nos dias atuais, não é mera coincidência.

Avançando na história humana temos os exemplos mais incisivos, começando pela Revolução francesa, que se promoveu como forma de retirar do poder a monarquia absolutista, aproveitando a crise que se aprofundava em razão de altos gastos do governo e de um inverno rigoroso. A burguesia francesa, insatisfeita com dispendiosos privilégios da nobreza e do clero, alimentou o povo com ideias iluministas,

fomentando assim a revolução como meio de reconstruir a França, entretanto, como de costume, o processo revolucionário acabou por derrubar a estrutura existente, causando um mal que superou toda a crise que justificou, na imaginação dos franceses, a derrubada do Monarca.

O cerne da questão, todavia, está em na pergunta que já foi feita anteriormente, pois, não faria sentido algum que o chamado Terceiro Estado, composto por todos aqueles que não pertenciam a nobreza e ao clero, confiassem poderes absolutos aos que propunham, justamente, combater o Rei que governava com poderes irrestritos. Se o monarca francês deveria ser deposto por não se conter diante de sua autoridade ilimitada, era de se esperar que, alguém que o sucedesse, deveria assumir a missão de conduzir a nação, abdicando do absolutismo.

Mas a revolução já trazia em seu âmago a mentira, assim sendo, em nome da defesa da república, Maximilien Robespierre fez do período conhecido como O Terror, o capítulo mais sombrio da Revolução francesa e um dos mais tenebrosos de toda a história humana. Eliminando seus opositores e traindo abertamente seu discurso antes da ascensão ao poder, que era contrário ao instituto da pena de morte, derramando o sangue de franceses das mais diversas classes, em sua escalada autoritária e transloucada ao poder, até que, saturado de seus abusos o povo da França deu-lhe o destino que o próprio condenou seus pares, enviando-o para a guilhotina após ser acusada, acertadamente, de ser um aspirante a ditador.

Reconhecer que Robespierre agia como ditador é algo simples, basando a seguinte leitura de sua obra, [Teoria do Governo Revolucionário](#), para compreender tal concepção. *“Um regime constitucional é suficiente para proteger os indivíduos dos abusos do poder público; num regime revolucionário, o próprio poder público é obrigado a defender-se de todas as facções que o ataquem. O governo revolucionário deve aos bons cidadãos toda a protecção nacional; aos inimigos o povo nada lhes deve senão a morte”*.

Na mente do revolucionário, “o bom cidadão” não é aquele que cumpre seu papel na sociedade, repetindo a liberdade alheia, e sim, aquele que jura vassalagem aos líderes revolucionários, ou seja, um fiel seguidor da dos movimentos. Surge a criação do tribunal Revolucionário, que, legitimado pela Lei dos Suspeitos de 1793, que considerava como criminosos todos os possíveis inimigos da revolução, estendida pela Lei de 22 Pairial do ano seguinte, que privava os acusados do direito de defesa, do contraditório e de ser interrogando antes da sentença. As leis mencionadas tiveram como consequências o imenso número de prisões e execuções arbitrárias, as coincidências parecem nunca ter fim.

Em nome do sucesso de um projeto de poder de uma elite intelectual, os iluministas, muito sangue foi derramando e abusos eram vistos como um meios justos de se chegar a um fim, que era a sociedade perfeita prometida pelos revolucionários, por serem arrogantes o suficiente para ignorar que, sendo imperfeitos jamais poderiam criar a perfeição, ou mesmo, por serem astutos ao ponto de promoverem-se como ministros de algo que sabiam ser uma mentira, apenas para alcançarem o poder.



Se por um lado, os líderes revolucionários podiam acreditar que caminhavam para uma sociedade sem vicissitudes, criadas por humanos mais iluminados que a divindade, mesmo pelo fato de muitos terem se despedido da fé em algo maior por se considerarem guiados pela razão, razão que os fez deixar de lado a riqueza da existência humana e tudo aquilo que nos cerca. Hipótese na qual a revolução fracassou, e sempre fracassará, por ser uma horda guiada por cegos, uma vez que, arrogantes, julgando-se perfeitos, os líderes revolucionários são pastores desprovidos de visão que sempre levam seu rebanho para o abismo.

Por outro lado, podemos traçar uma outra hipótese, na qual os líderes revolucionários agem como caçadores astutos, fazendo de sua promessa de mundo perfeito uma isca que levará seus seguidores a um fim trágico. Neste diapasão, podemos imaginar uma miragem no deserto, que leva o indivíduo cada vez mais ao destino fatal, em que pese, aquele que segue em direção à ilusão acredite buscar a salvação, estará se condenando. O que torna tal hipótese mais aceitável, sem, contudo, rechaçar a primeira, é o fato de que todo revolucionário considerará como o pior dos crimes ser contrarrevolucionário, ou seja, opor-se à crença daqueles que vendem ou buscam uma fantasia é o que causa maior ojeriza aos líderes e seguidores dos ideais revolucionários, assim sendo, qualquer mal praticado contra quem se recusa seguir seus mandamentos profanos é aceito como uma benção, ainda que, aplaudir a tirania possa resultar na renúncia expressa de proteção indispensável em favor do detentor do poder, que, sendo um déspota, não recusará tal avanço e, quando julgar necessário, não se exitará em abusar do poder, ainda que seja contra os que outrora lhe adularam como símbolo de força para alcançar sua loucura inalcançável.

Ao aclamar por um tirano que tenha a frieza de conduzir abusos e execuções em nome de uma crença doentia que prega uma igualdade artificial, uma hegemonia de pensamento e a submissão a um

ente capaz de materializar o paraíso na terra, atribuindo tal missão ao Estado. O adulator começa a ver na figura do tirano aquele ser que o guiará para um mundo melhor, pois, detentor de poder, impede que o adulator seja confrontado em sua crença vazia de que pessoas iluminadas são capazes de traçar o destino da humanidade, logo, sente no poderoso tirano um protetor, um mestre e o confere cada vez mais ar de nobreza para que seja o paladino da revolução, esquecendo, que os que conduzem os revolucionários são, em regra, algozes da humanidade, pois, acreditando que os fins, na sua visão o poder, justificam os meios, permitindo-lhes praticar a mais bestiais atrocidades em nome da sua manutenção no poder e fazendo os seu iludido rebanho pensar que é sua visão que está se pondo em prática.

De fato, aqueles que acreditavam no sucesso da Revolução Francesa tornaram-se adutores de Robespierre e seus companheiros, sendo cúmplices de todo o mal que O Terror espalhou em sua própria nação, provavelmente, alguns acabaram sendo vítimas daquilo que alimentaram, o que não é uma ironia do destino, mas uma consequência inevitável de uma revolução. Como este autor costuma alertar, o revolucionário é aquele que alimenta o monstro com carne humana, esquecendo-se que é humano.

A soberba dos líderes revolucionários rendeu frutos podres como o Culto do Ser Supremo e o Culto à Deusa da Razão, que nada mais eram que tentativas de substituir o cristianismo em prol de uma fé genuinamente revolucionária, ainda assim há que consiga se definir como cristão e abraçar causas que são diretamente derivadas de tais frutos podres. Isso reforça a ideia que os déspotas legitimam suas ações, ainda que nefastas, na adulação de seus seguidores.

Curiosamente, não raro são os casos em que os adutores dos tiranos deixam a razão de lado para aderirem a uma espécie de idolatria cuja motivação é ver a revolução obter êxito, sem perceberem que o ser bajulado fica cada vez mais cego devido ao poder e usa, sem o menor pudor, a sua capacidade de fazer o mal para se estabelecer como um ser iluminado, maior que os seus adutores. A grande farsa talvez resida na promessa de igualdade que seduz aqueles que abrem mão de sua liberdade em troca de um igualdade, conferindo poderes além do aceitável aos que se julgam superiores, logo, nunca se considerarão como iguais.

Ao adular aqueles que estão em elevados postos em uma sociedade, os indivíduos que clamam por igualdade esquecem que a elite, de sua Torre de Marfim não se enxerga como um ser humano comum, sorvendo da vassalagem para aumentar sua ganância desmedida. Assim como Robespierre, que condenava a pena de morte mas foi um dos que mais se valeu dela para perseguir opositores, todo tirano no pode torna-se mais distante da humanidade a cada passo que dá em direção ao topo da torre, sendo consumido por uma fome doentia e pela vaidade.

O adulator, por sua vez, contenta-se com pequenas vitórias, acreditando que seu secto sendo vitorioso, estará igualmente alcançado, o que é alimentado pelo sentimento de pertencimento, levando, cada vez pessoas, a aderirem aos bandos que servem apenas como forma de cooptar os fracos em suas

fileiras para servirem os líderes revolucionários. Grupos minoritários, movimentos sociais, diretórios estudantis, torcidas organizadas, fã clubes e outros rebanhos que fazem com que seus membros se sintam parte de uma família, desde que, jurem total vassalagem aos senhores de tais sectos.

Aproveito para fazer um desafio aos que integram grupos revolucionários como os mencionados acima. Busque adotar, no âmbito de tal grupo, uma postura contrarrevolucionária, rechaçando as pautas progressistas ou socialistas mais radicais e veja como será regojizado do seio dessa “pseudofamília”.

Os movimentos coletivistas, revolucionários, que banharam o solo europeu de sangue no final da primeira metade do século passado nasceram das ideias iluministas, logo, se inspiraram na Revolução Francesa. Seria justo afirmar que da terra embebida de sangue derramado pelos iluministas revolucionários e adubado pelas ideias de Karl Marx que nasceu o mal chamado socialismo, dele derivaram o nacional-socialismo e o fascismo, sendo necessário apontar que, em todos esses regimes revolucionários, alguns indivíduos avocam-se a qualidade de salvadores e recebem poderes para suprimir liberdades em nome do coletivo.

No que diz respeito à atribuição de poderes ilimitados àqueles que prometem resolver todos os problemas de uma sociedade com base em uma mentira revolucionária, não se pode afastar a adulação a Adolf Hitler, Benito Mussolini, Vladimir Lenin, Josef Stalin e outros tantos líderes revolucionários, chegando ao culto de tais figuras como símbolos sagrados de tal nefasta fé. Os campos de concentração e o sistema Gulag soviético eram instrumentos de intimidação e de perseguições, entretanto, os rebanhos revolucionários acreditavam que aqueles que eram enviados para tais destinos fizeram por merecer, pois desafiaram a causa e se opuseram aos seus anseios delirantes.



Há pouco tempo, talvez melhor dizer nos tempos atuais, assistimos abismados diversos indivíduos, movidos pelo pânico e movidos por uma fé que chamavam de “ciência”, que era, justamente, contrária ao que prega a ideia de ciência e razão, posto que, assimilavam informações unilaterais que não admitiam o contraditório e, especialmente, que não se punham à prova, como verdades, exigindo que todos assimilassem sua fé em nome de uma salvação construída no campo do imaginário. Aclamaram pelo

abuso injustificado do poder pelo Estado para que pudessem compelir os que se negavam a aderir motes injustificados como norte.

Os seguidores daquilo que chamavam de ciência assumiram que era preciso adular qualquer um que estivesse disposto a coagir todo aquele que discordasse de sua visão, ainda que fosse algo incutido artificialmente em sua mente, para que se dobrasse aos ditames dos que se colocaram como guias cegos. Em dado momento, as teorias não mais se complementavam e foram caindo uma por uma, todavia, os aduladores ainda se recusam a admitir que não seguiram a ciência experimentada, se curvando à especulações.

Em todo o mundo o autoritarismo na pandemia foi adulado de tal forma que encorajou os governos a avançar com medidas restritivas descabidas, em muitos casos, sem quaisquer correlações com a propagação da doença. Medidas que tratavam de horário de circulação ou acesso a determinados lugares, restrições de banho de mar e imposições de uso de mascarás mesmo para que estivesse sozinho, a única explicação dada era que pessoas estavam morrendo, mesmo que entre os mortos estivessem indivíduos que cumpriram as médias impostas.

A seita revolucionária precisava alimentar ainda mais seus heróis, para tanto, nasceu o combate a desinformações, vendendo a ilusão de que o Estado deveria, junto com profissionais da mídia, evitar que mentiras fossem propagadas. A desinformação parece ter nascido no século atual, entretanto, o conceito de Ministério da Verdade criado e denunciado pelo autor britânico George Orwell em sua obra, 1984, tinha como objetivo, construir uma pós-verdade, distorcendo e omitindo fatos cuja a visão real eram desfavoráveis aos interesses dos poderosos.

O chamado combate à desinformação se resume a legitimar o direito de controlar a informação, podendo dizer a verdade ou a mentira conforme seus interesse, bem como, suprimindo qualquer um que apresente uma versão oposta ao que o “controlador da verdade” pretende impor. A chamada mídia mainstream detinha o monopólio da informação e, atuando em conluio com autoridades de demais agentes influentes, foi capaz de criar uma grande espiral do silêncio, fazendo com que cada indivíduo acreditasse existir um senso comum, ou a chamada opinião pública, que no imaginário popular, refletia aquilo que todos pensavam, ainda que aquele indivíduo discordasse, fazendo com que restringisse suas posições por medo de ser uma voz destoante e ser relegado ao ostracismo.

A informação descentralizada ameaça o monopólio da informação e a hegemonia cultural, por isso, é preciso rotular de propagador de desinformação qualquer um que não seja membro do cartel que compõe a mídia mainstream, no período da pandemia criaram até um nome para tal organização, batizando-a, gentilmente, de consórcio de mídia, haja vista que, cartel não é um termo dos mais agradáveis.

Por derradeiro, surgiu a cartada maior, desfigurou a Justiça de sua nobre missão para que se tornar um mero instrumento no jogo pelo poder. Considerando-se um agente que deve “empurrar a história”, o guardião da constituição deixou seu aposento para subtrair funções dos demais poderes e empreender uma doentia caçada a qualquer um que ousasse levantar a voz contra seus desmandos, algo muito próximo ao que fez o Tribunal Revolucionário, embalado pela Lei dos Suspeitos e a Lei de 22 Pairial, evidenciando não ser toda lei digna de cumprimento.



No Brasil, não havia suporte legal para certas medidas como prisão de parlamentar por opinião, uma vez que a Constituição garante a imunidade, inclusive criminal, para toda manifestação do membro do Congresso Nacional, entretanto, ferindo de morte todo o ordenamento jurídico, o Supremo Tribunal Federal entendeu que deveria processar e julgar o parlamentar, ainda que os membros daquela corte se apresentassem como vítimas das supostas ameaças e não se imiscuíram de julgar o parlamentar. Mas voltando ao que tratamos no presente texto, o que causa espanto é a capacidade de alguns indivíduos aplaudirem tamanha afronta a Lei Maior, tão somente por serem opositores das ideias do congressista, assumindo que, se for uma medida contra aquele que se opõe aos seus ideais, tudo é válido.

A doentia postura se repetiu quando o mesmo tribunal iniciou um inquérito contra aquilo que batizou de “atos antidemocráticos”, parece muito com Robespierre quando se referia aos contrarrevolucionários, de tal forma que um dos membros do próprio tribunal chamou o inquérito, tamanha sua obscuridade e obscenidade de “inquérito do fim do mundo”, pois, na qualidade de magistrado, tinha consciência que o Supremo Tribunal Federal tinha extrapolado todos os limites e que tornar-se-ia cada vez mais cego pelo poder que estava acumulando. Nesta seara, pensadores revolucionários, a mídia mainstream e pequenos influenciadores, ávidos por seu lugar ao sol, aplaudiam

as práticas monstruosas perpetradas por juízes que deveria primar pela paz social, mas que estavam fora de controle, governando, legislando e agora conduzindo investigações, em síntese, empurrando a história.

Episódios de censura, multas e prisões arbitrárias, ameaças abertas foram protagonizadas por magistrados dissociados de sua missão, mas o espantoso é a forma com que cidadão aplaudem até mesmo medidas que buscam coibir o uso de verbetes sem qualquer real justificativa.

Os mais diversos adutores passam a alimentar a tirania acreditando que serão agraciados por seus deuses, pois, lhe foram devotos, tendo fé que a revolução é um instrumento para benefício próprio ou um caminho para a salvação, bajulam seus líderes aplaudindo todos os seus desmandos, com a fé de que estão do mesmo lado, enaltecem os feitos nefastos dos poderosos, ignorando que a desgraça se abaterá sob suas cabeças tão logo o poderosos ser adulado considere que os idiotas úteis perderam sua serventia.

Observar o comportamento de vassalagem em troca das migalhas que caem da mesa dos poderosos é algo que nos faz refletir se os adutores podem ter esperança em um futuro livre, mas antes é necessário que resgatem sua dignidade, posto que, renunciar a tudo em nome da revolução, principalmente, aos que fizeram isso com o fim de serem acolhidos pela família revolucionária, esquecendo que a destruição será inevitável, é um ato de abdicação da dignidade humana.

É natural que alguns seres humanos reconheçam outros como heróis ou líderes, contudo, bajular aquele que despreza os homens por se considerar superior e não repudiar os excessos de determinados tiranos, faz dos adutores do mal pobres condenados. No fim das contas, todo revolucionário é uma alma procurando nos outros aquilo que perdera.

Maximilien François Marie Isidore de Robespierre acabou por provar de seu veneno, sendo guilhotinado em 28 de julho de 1794, na Praça da Concórdia, Paris, França.



O Brasil do meu amor, Terra de Nosso Senhor

Por Mauricio Motta



O ano de 2022 vai chegando ao fim em meio a muitas expectativas, angústias, fé e alguma esperança de que o *Brasil* permaneça firme sob *Deus*, como uma *Pátria* independente e unida, tendo a *Família* como célula mater da sociedade e prezando pela *Liberdade* de todos os cidadãos.

Este texto “*abre a cortina do passado*” recente de nosso país e buscará, sem pretensões retrospectivas, lembrar a jornada de Jair Messias Bolsonaro à frente da Presidência da República, que iniciou em 2019. Iniciou? Desde os primeiros dias de seu governo, a artilharia midiática, o conjunto dos políticos de oposição, os grupos de interesse (nacionais e estrangeiros), a maioria dos funcionários públicos de todas as esferas e níveis da administração pública, sem contar os idiotas úteis de plantão, todos estiveram empenhados em macular as ações de governo, distorcer ou criar fatos, lançar todos os holofotes possíveis sobre qualquer falha de gestão, ou qualquer outro elemento que trouxesse lucro político. O ano de 2019 foi sem acordos espúrios, sem concessões. Um ano atípico se comparado aos que o precederam. Foi também o ano em que a população mais simples pôde verdadeiramente tomar conhecimento de que o Brasil possui três poderes “*independentes e harmônicos*”. Possui?

O caso da suposta interferência presidencial na Polícia Federal, no caso da escolha do diretor da PF, mostrou que a parte do texto do Art. 1º do Decreto nº 73.332 de 1973 que diz que o (...) “*Diretor-Geral, nomeado em comissão e da livre escolha do Presidente da República*” (...) tem também livre interpretação por parte de instâncias superiores da Justiça brasileira. Mas ainda que tenha restado provado que nada de anormal

ocorreu, a lenda urbana da interferência permaneceu e ninguém se apresentou para dizer: “*tira a mãe preta do serrado, bota o Rei Congo no congado*”. Pôr as coisas em seus devidos lugares? Não em 2019!

O Brasil se recuperava bem da hecatombe que fora o governo Dilma, a economia dava sinais de retomada e, de crise em crise o governo avançava buscando seguir com as reformas. Porém, o ano de 2020 mal começava e como quem vê “*a merencória à luz da lua*”, vimos um dos maiores nomes do governo Bolsonaro sair pela porta dos fundos: o então Ministro Sérgio Moro pediu demissão afirmando entre outras coisas, “*tenho que preservar minha biografia*”. Qual biografia? O eleitorado de Bolsonaro, e mesmo alguns daqueles que não o apoiavam, mas tinham um mínimo de amor ao país, todos tinham enormes expectativas quanto a atuação de Moro ao longo dos quatro anos de mandato, ou muito mais que os quatro anos. Oito? Ou até mesmo como possível sucessor... Por fim, “*esse coqueiro que dá coco, onde amarro a minha rede, nas noites claras de luar*”, não deu cocos, nem ao menos serviu de suporte à nossa rede de patriotas. Decepcionante nota de rodapé de uma biografia em desconstrução.

Mas o caso Moro foi um pequeníssimo incidente em uma jornada acidentada. Mal sabíamos nós o que nos esperava naquele início de ano de 2020. As “*fontes murmurantes, onde eu mato a minha cede*” de informação, murmuraram também sobre a chegada de terrível chaga que ceifou a vida de tantos e tão amados. A doença que surgiu na terra do dragão, que nas asas de morcegos se espalhou, que chegou ao nosso amado e sofrido Brasil, nem mesmo ela causou tantas mortes quanto as provocadas pela sanha de enriquecimento de tantos e tantos dos nossos políticos. Bolsonaro declarou emergência sanitária no início de fevereiro de 2020. Mobilizou o repasse de verbas federais a estados e municípios. Por meio do Ministério da Saúde, iniciou junto a ANVISA o processo de análise, aprovação emergencial e posterior aquisição de lotes de vacinas, fatos que se concretizaram cerca de onze meses depois, quando muitos países europeus ainda lutavam para adquirir seus primeiros lotes de vacinas. Apesar de todos os fatos, a mídia nacional tal qual “*morena sestrosa de olhar indiferente*”, propagava informações que davam conta de que o Presidente se recusava a comprar vacinas. Fato é que Bolsonaro jamais se negou a comprar vacinas, mas não aceitou a pressão de grupos de interesse econômico, ligados às indústrias farmacêuticas, que impunham contratos leoninos. Por outro lado, todos os protocolos e regulamentações quanto à aprovação de novos medicamentos precisavam ser seguidos, sob o risco de danos ainda maiores à saúde da população. Como esquecer a metáfora de “*virar jacaré*”, usada por Bolsonaro, que antecipava o risco vinculado a compras irresponsáveis de medicamentos? Mais um meme, apenas mais um.

Enquanto isso, as pressões internas, e mesmo o clamor da população assustada com as notícias sobre doença, davam à mídia as condições de fixação da alcunha de genocida, a partir daquele ano associada ao Presidente. Ah! “*Esse Brasil lindo e trigueiro, é o meu Brasil brasileiro*”, mas trigueiro mesmo era o sentimento de cada um daqueles que tornavam em pânico o que à população já era algo tão difícil de enfrentar.

“Meu Brasil brasileiro, meu mulato inzoneiro”, quereríamos muito “cantar-te nos meus versos”, quereríamos muito crer que tuas instituições funcionam para o bem geral, porém, 2020 também foi marcado pela

CPI das Fake News e, inzoneiros de verdade foram aqueles que a protagonizaram. A tal CPI deu às instâncias superiores da justiça nacional, munção de festim para o Inquérito do Fim do Mundo. Como esquecer de Allan dos Santos, Oswaldo Eustáquio, Rey Biannchi, Daniel Silveira, Sara Winter, Bárbara e tantos outros que de alguma forma tiveram suas vozes caladas, liberdades cerceadas ou suas reputações manchadas... por nada.

Em 2021 vimos o avanço do desequilíbrio entre os poderes com a justiça sendo feita com as próprias mãos. Mãos que não portavam armas, mas canetas que assinavam e validavam as ideias nefastas de uma mente lustrosa qualquer. Da CPI das Fake News e seu monstruoso e aberrante inquérito, passamos à CPI da Pandemia. Este sim um verdadeiro museu de Madame Tussauds, posto que não passou de cópia de instrumento legal, mas sem a alma vivificante que move as criações divinas. CPI do Circo é também um bom rótulo, um Circo de Horrores, com posturas desrespeitosas, imposturas, massacres de reputações, vilipêndio. Os verdadeiros alvos de todas as convocações para depoimentos não eram aqueles que lá compareciam, mas o governo de Jair Bolsonaro, era ao governo que se dirigiam os ataques. Como dito no ano anterior por uma liderança de esquerda, *“temos que destruir o governo Bolsonaro”*. Há método!

E de crise (criada) em crise (criada), o governo seguiu tentando governar. Adaptando uma frase atribuída a Júlio Cesar se referindo a Portugal, *“Há nos confins da Ibéria um povo que nem se governa nem se deixa governar”*. Diríamos então que há nos confins da América um ‘povo’ que nem se governa nem se deixa governar. Não exatamente um povo, mas uma casta, uma oligarquia, uma camarilha.

Estamos ainda em 2022 e as eleições ocorreram conforme o previsto, minuciosamente planejado, dedicadamente executado, tristemente testemunhado. Jair Bolsonaro obteve menos votos que seu adversário, o que de maneira nenhuma significa que ele tenha perdido a eleição. Citando uma outra liderança de esquerda, *“vamos tomar o poder, o que é diferente de ganhar a eleição”*. Ou quem sabe citando o distraído comentário vindo das altas esferas do Olimpo, *“eleição não se ganha, se toma”*.

A propósito, 2022 é ano de eleições e de Copa do Mundo FIFA. Dois opostos que não se coadunam. Um pode levar ao paraíso ou à Geena, o outro distrai olhos e ouvidos o que faz muitos se perderem.

No ano corrente o poder de um poder praticamente se consolidou sobre todos os poderes. Todos os homens e mulheres de bem gostariam de poder dizer: eu *“quero ver essa dona caminhando pelos salões arrastando o seu vestido rendado”*, feliz e livre, mas esta dona não tem mais a liberdade e a alegria de outros tempos.

“Quem pensa por si mesmo é livre e ser livre é coisa muito séria, não se pode fechar os olhos, não se pode olhar pra trás sem se aprender alguma coisa pro futuro”. Assim cantou o trovador solitário Renato Manfredini. Sábio e curioso conselho vindo de um homem que bebeu nas mesmas fontes amargas que hoje ameaçam a liberdade de todos nós. Mas é fato que devemos olhar o passado mirando o futuro. Repetir os acertos e impedir a repetição dos mesmos erros.

Finalizamos agradecendo a Ary Barroso pela inspiração para este artigo. *Aquarela do Brasil*, o samba-exaltação de 1939 fala de nosso querido Brasil com poesia e beleza. Pode ser ufanista, mas se não nos orgulharmos da terra que nos abriga, do passado que nos ergueu ao patamar que estamos, do presente em que lutamos por tudo o que acreditamos, se nada disso servir... quem sabe nós é que não servimos bem a este “*Brasil do meu amor; terra de Nosso Senhor*”.

[Clique na imagem e inscreva-se!](#)

REVISTA CONHECIMENTO & CIDADANIA



**Inscreva-se no
canal!**

Onde está a sua esperança?

Por Danielly Jesus



Semana de Natal. Neste ano, tudo está sendo atípico: não tenho visto janelas iluminadas com as luzes tradicionais, não está acontecendo aquela famosa correria de fim de ano para as compras da ceia ou de roupas novas para usar na festa; estamos em um limbo repleto de incertezas, o que faz com que as pessoas, ainda que não demonstrem, estejam preocupadas com o que o amanhã reserva.

Há patriotas ainda acampados nas portas dos quartéis, outros em Brasília, depositando todas as suas fichas em uma única ação. Os que não estão acampados por diversos motivos, estão assistindo as movimentações da transição e quase tendo uma síncope a cada anúncio de possíveis ministros: já temos na lista Fernando Haddad, Flávio Dino, Margareth Menezes, Rui Costa. De fato, isso é pior que um pesadelo!

Porém, venho através deste artigo para fazer uma pergunta: onde está a sua esperança? Há aqueles que já a perderam, e eu não julgo. Mas nem tudo está perdido. Para o Brasil? Para o seu Estado? Para o mundo? Não! Para você!

“Dani, como assim? Então quer dizer que não devo mais lutar?” Nada disso! Mas me permita explicar como que o discurso global esquerdista se infiltrou no meio dos conservadores e cristãos.

Como age o meio progressista? Através do *coletivismo*: eles não dizem que querem ajudar os pobres, mas *“acabar com a pobreza”*; eles não falam sobre atuar nos bairros para promover conscientização ambiental, mas em *“discurso global contra emissão de gases, contra o agro, etc.”*. Ou seja, eles **NUNCA** tratam do individual ou local, mas do global; isso faz com que a dominação seja mais fácil de se conseguir. Além disso, o discurso global não leva em conta as especificidades de cada lugar e do grupo de pessoas que ali residem.

Agora, percebam que este é o discurso que tem se infiltrado aos poucos no meio conservador: *“precisamos salvar o Brasil!”*. Óbvio que devemos lutar pelo melhor para o nosso país, mas este discurso coletivista, em vez de nos fortalecer, esvazia nossas forças. O Brasil é um país continental, com necessidades diversas, como que eu, um ser pequeno, conseguirei esta tarefa hercúlea? Simples: se cada um salvar a si mesmo. E apenas com o Evangelho isso é possível!

“Ih, lá vem ela com esse discurso religioso...”. Nada disso! Não trago aqui discurso religioso, mas de realidade! Não temos condições de salvar o mundo, mas podemos (e devemos!) salvar a nossa alma.

No momento mais difícil para o povo de Israel – o cativo babilônico – Jeremias escreveu: *“Quero trazer à memória o que me pode dar esperança” (Lamentações 3.21)*. O profeta entendia que não dava para mudar aquela situação externamente, mas dentro dele; uma coisa que aprendi na igreja é: quando mudamos a visão, mudamos a condição, e isso deve acontecer primeiro dentro de nós.

Quem já teve a oportunidade de viajar de avião sabe que a aeromoça dá várias instruções em caso de emergência, e uma delas é: *“Em caso de despressurização da cabine, máscaras de oxigênio cairão automaticamente (...) Auxiliem crianças ou pessoas com dificuldade SOMENTE APÓS TEREM FIXADO A SUA”*.

Não temos a menor condição de ajudar alguém se estivermos mal, e não podemos *“salvar o Brasil”* se nós mesmos não estamos! Trato aqui de salvação da alma, mas não apenas disso. Se sua casa estiver desajustada, se seu casamento estiver mal, se você não tem disciplina com suas atividades, não conseguirá salvar um país inteiro!

Jordan Peterson, psicólogo clínico canadense, em sua obra *“12 regras para a vida”*, deu a lição 6 o título *“Deixe a sua casa em perfeita ordem antes de criticar o mundo”*. Se eu fosse a autora da obra seria: *“Salve a sua alma antes de salvar o mundo!”*. Nosso Senhor já havia *“dado a dica”* quando disse: *“Mas buscai PRIMEIRO o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas.”* (Mateus 6.33).

A maior esperança que podemos ter em meio a este caos que assolou o Brasil é saber que Nosso Senhor é com aquele cujo coração já lhe foi entregue. Já falei algumas vezes e repito: a política não é um fim em si mesma. Ela é necessária enquanto virmos neste mundo, porém não deve nortear a nossa vida a ponto de abandonarmos nosso convívio familiar e, acima de tudo, com Deus. E: a guerra é espiritual. Se todo o problema fosse simplesmente político, o presidente Jair Bolsonaro não teria dificuldades em resolvê-los; e guerra espiritual não se vence com discurso, mas de joelhos dobrados.

Independente da situação que vier, o lema que nosso presidente nos ensinou, na ordem que está, é que fará a diferença: DEUS, FAMÍLIA, PÁTRIA E LIBERDADE.

A Quarentena e os Bandos

Por Cecília Carnáuba



Temos vivido a tal quarentena que remete a quarenta, mas, na verdade, é por período indeterminado. Dizem que estamos presos, mas não há prisão capaz de conter a infinidade de atividades que podemos desenvolver num mesmo espaço físico e, sobretudo, não há meios de aprisionar a nossa capacidade de pensar, criar, desenvolver habilidades, interagir, ser solidários e expressar amor. Então o que nos incomoda exatamente, nesta situação de afastamento social? O primeiro pensamento que me ocorre é que estávamos habituados à ininterrupta tentativa de fazer o mundo e tudo que nele há, funcionar a favor de nossos interesses individuais, que escolhemos a partir de nossa baixíssima capacidade de percepção da realidade existencial, de nossa condição individual dentro da circunstância coletiva e sobretudo de nossa identidade: o que somos aos nossos próprios olhos? A que servimos? Que destino estamos imprimindo aos dias que se nos apresentam de presente?

Modernamente, reduzimos o tamanho de nossas famílias, não moramos mais todos juntos, avós, filhos, tios e netos, achamos que esta forma de convivência dificultava os relacionamentos, cada um precisa fazer conformar o mundo ao seu modo de vida, começamos a considerar que as presenças afetavam nosso direito à privacidade. Afrouxamos os laços de convivência e os parentes que estavam conosco nas refeições e nas conversas do fim do dia passaram a ser vistos com dia e hora marcados, cada vez mais esporadicamente, perdemos a noção fundamental de bando original, a família em sua estrutura mais larga. Tentamos substituir essa convivência familiar pela convivência social mais adequada ao propósito comum de conformação do mundo aos nossos interesses. Como um grande número de pessoas

convencionou que esta era a maneira adequada de viver, formamos um grupo imenso de pessoas com o modo de proceder semelhante, um bando substitutivo do bando original, a organização familiar inicial.

No bando original, estávamos mais próximos dos exemplos ancestrais que reforçavam a aceitação do outro, a tradição familiar favorecia da aceitação individual pela semelhança, portanto, os papéis que representávamos estavam mais vinculados a nossa realidade interna, a nossa essência, à verdade do nosso eu. No bando substitutivo os papéis, precisaram ser reconstruídos para atendimento da expectativa comum de conformação do mundo aos nossos interesses individuais, ganharam uma padronização de certo e errado de acordo com esse propósito, não havendo a partilha de emoções familiares a sustentar a aceitação mútua como no bando original, precisamos de padrões de certo e errado mais uniformes para sermos aceitos pelo novo bando. Nos afastamos muito da verdade do nosso eu para nos encaixarmos neste bando substituto, e o afastamento incluiu a supressão de atividades que destinávamos ao embelezamento de nossa essência como o tempo dedicado às artes, a leitura, à contemplação à comunicação com o divino e à convivência com os que nos eram essencialmente semelhantes e partilhavam a mesma história ancestral. Empobrecemos nossa essência, por falta de tempo. Talvez seja este o mal-estar coletivo que tantos comentam, deixamos de ser quem somos e de estar com os que nos são semelhantes.

A quarentena suprimiu os espaços para representação dos papéis destinados à conformação do mundo aos nossos interesses, desmanchou os palcos e, sobretudo, enfraqueceu os vínculos com o bando substitutivo, por isso emergiu uma sensação de abandono, no sentido etimológico da palavra: a – ban – dono, “a” prefixo de negação; “ban” indicativo de bando e “dono” referente a senhorio. A ideia de que resultamos abandonados, sem bando e sem dono, nasce porque nos afastamos do bando original e o bando substitutivo não existe mais, tal como o vivenciávamos.



A pandemia atual parece nos reconduzir ao bando original e à redução da convivência para nos restringirmos aos mais semelhantes a nós, semelhança é elemento que favorece a aceitação natural, se for assim, penso que tendemos a desenvolver papéis mais verdadeiros, mais próximos de nós mesmos. O hoje confirma que o mundo é naturalmente inconformista, é ele que estabelece as regras para desfrute da vida que ele generosamente nos presenteia, tomara que esta pausa nos habilite à humildade, à gratidão pelo seu acolhimento e generosidade para conosco, nos habilite à reverência incondicional à vida, ao embelezamento de nossa essência e ao reconhecimento da sacralidade da existência para merecer estar vivo .



Quando a “Lei” infringe o ser humano

Por Edson Araujo



Vivemos hoje sobre um sistema ou regime de leis que teoricamente tem o objetivo de trazer ordem à sociedade, mas se é assim, por que vemos que quanto mais leis, mais distante de uma tão sonhada ordem que pensamos estar?

Sobre esse tema, há várias formas de enxergarmos, para mim o aspecto principal é o filosófico, pois trata da essência das coisas e não das convenções como em todos os outros ângulos de visão de um tema.

Para compreendermos melhor o assunto é importante então, explorarmos de maneira profunda os conceitos de justiça, ordem e lei.

Primeiro é imprescindível compreendermos que cada coisa, cada objeto tem sua definição e por fim o seu nome, tendo o seu nome este objeto passa a ser então único, inconfundível, pois dar nome às coisas é o básico fundamental para atingir os nossos objetivos, se queremos algo dizemos o seu nome, isto economiza tempo e movimento no estabelecimento dos nossos objetivos, ou seja, podemos então se assertivos, caso contrário iremos promover apenas movimento e nenhuma ação.

O grande gabarito para as relações humanas são, sem dúvida, toda a Natureza, o universo em um termo religioso, Deus.

O grande objetivo de uma lei é trazer ordem (Cosmos) caso contrário o que se estabelece é Caos, que é a matéria sem ordem, inteligência superior (Theos).

Em todas as apresentações da criação humana vemos que a natureza se fez presente antes do ser humano, isso mostra que é para ela que devemos olhar quando queremos referência para vivermos, pois a natureza é exemplo de: harmonia, beleza, justiça, fraternidade, recomposição, trabalho, saúde, e todas as virtudes necessárias para que a vida seja plena em quantidade e qualidade, a diferença que na Natureza, há uma inteligência que rege toda esta ordem de maneira autônoma, uma inteligência que domina o cenário, enquanto no reino humano, nos é necessário primeiro aprender sobre esta ordem que está dentro de nós e não fora, depois aplicá-la por escolha própria (livre arbítrio) e assim, nós promovemos as ações que farão surgir a tão desejada ordem que deixo claro, já existe no universo, o que devemos fazer é trazê-la para o reino humano.

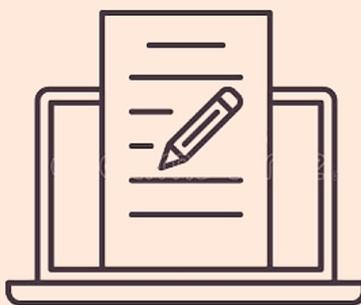
Aqui vai a sequência de aprendizado: aprendemos e aplicamos as leis, estas geram a ordem e esta faz então surgir a justiça.

Se o ser humano infringe a lei, ele se afasta da ordem, gera caos e então surge toda a desordem que se manifesta primeiro nele e depois ao seu redor.

Mas, e quando a lei parece infringir o ser humano?

Há muito o que expor sobre essa pergunta, porém vou deixá-la como uma reflexão e continuarei com o tema na próxima edição.

REVISTA CONHECIMENTO & CIDADANIA



**Acompanhe nosso
blog!**

Variedades

Sugestões culturais

Por Munique Costa

Livros:

Trilogia Senhor dos Anéis

É um livro de **alta fantasia**, escrito pelo **escritor** britânico **J. R. R. Tolkien**. Escrita entre 1937 e 1949, com muitas partes criadas durante a **Segunda Guerra Mundial**, a **saga** é uma continuação de *O Hobbit* (1937). Embora Tolkien tenha planejado realizá-la em volume único, a obra foi originalmente publicada em três volumes (*The Fellowship of the Ring*, *The Two Towers* e *The Return of the King*) entre 1954 e 1955.

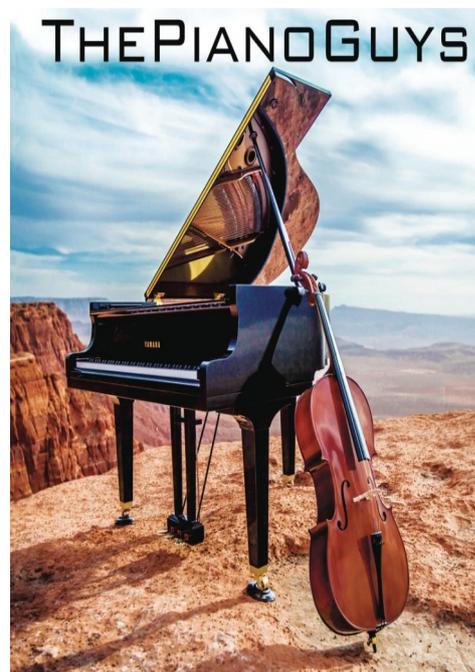
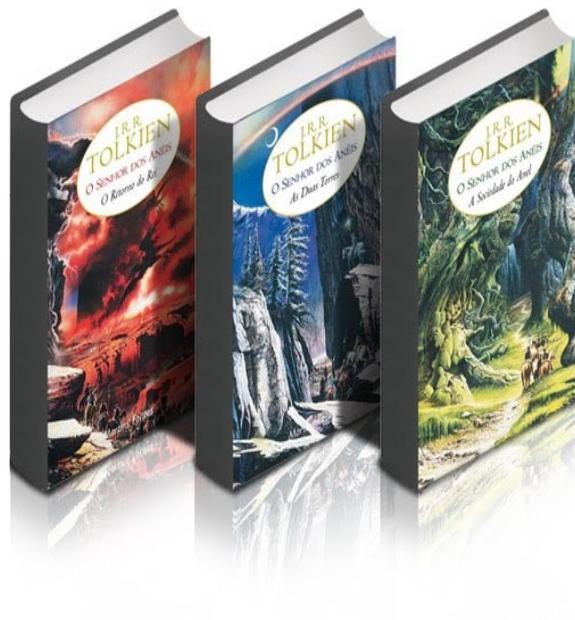
A história de *O Senhor dos Anéis* ocorre num tempo e espaço imaginário, a **Terceira Era** da **Terra Média**, que é um mundo inspirado na **Terra** real, mais especificamente, segundo Tolkien, numa Europa mitológica, habitado por Humanos e por outras raças.

A história narra o conflito contra o mal que se alastra pela Terra média, através da luta de várias raças – Humanos, Anãos, Elfos, **Ents** e Hobbits – contra Orques, para evitar que o “Anel do Poder” volte às mãos de seu criador **Sauron**, o Senhor Sombrio.

Música:

The Piano Guys

A missão dos Piano Guys é inspirar e espalhar esperança através de videoclipes de piano incomparavelmente imaginativos filmados em todo o mundo.



[Clique na imagem e ouça](#)

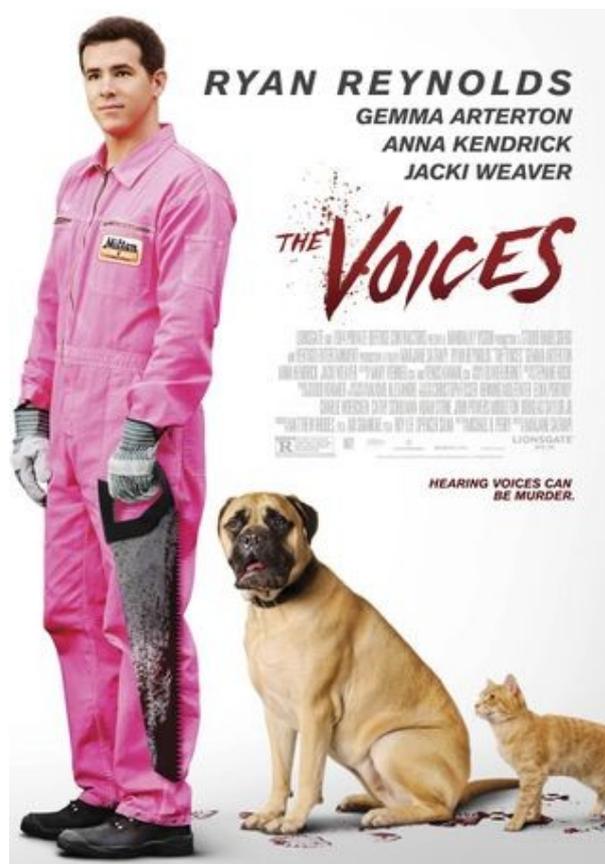
Filme:**As Vozes**

A história de Jerry Hickfang, um estranho fabricante de banheiras que busca a atenção de uma mulher que trabalha em contabilidade.

O filme nos apresenta um protagonista que, embora acometido por uma doença mental, nega-se a enfrentar a realidade, optando por viver em seu mundo fantasioso.

Apesar de tratar de um caso de psicopatia, a mensagem principal é que viver a realidade, por pior que esta pareça, é indispensável.

(não recomendado para menores e pessoas sensíveis)



[Clique na imagem e inscreva-se no canal](#)

**REVISTA
CONHECIMENTO &
CIDADANIA**

 **YouTube**

**Inscreva-se no
canal!**

**Para ajudar a continuarmos com este trabalho, doe qualquer quantia:
PIX: 28.814.886/0001-26**



Diamantina

Transcrito por Munique Costa



A formação da cidade se deu com a descoberta e exploração do ouro no vale do córrego do Tijuco, pela bandeira liderada por Jerônimo Gouveia. Os bandeirantes partiram do Serro, acompanharam o curso do rio Jequitinhonha até atingir a confluência dos rios Pururuca (“cascalho grosso”, em tupi-guarani) e Grande, onde acamparam, em 1691. Entretanto, não existia, naquele sítio, abundância de ouro, como a princípio se pensava.

As origens do famoso Arraial do Tijuco (ou Tejuco) - como era chamada Diamantina - remontam a 1713, com a atividade dos bandeirantes que permaneceram na região. Nesse local, denominado Burgalhau (atual Rua do Burgalhau, Rua do Espírito Santo e Beco das Beatas), se fixaram os primeiros povoadores. O fracasso inicial ameaçava o desenvolvimento da povoação, quando os diamantes foram descobertos, em 1720, por Bernardo da Fonseca Lobo e fizeram convergir, para as áreas do Tijuco, a ambição dos habitantes das terras vizinhas, transformando o arraial em lugar de esplendor e grande luxo.

Pequenos arraiais espalhados ao longo dos cursos d'água, em direção ao núcleo administrativo do Tijuco, levaram à formação do conjunto urbano com suas primeiras vias. Entretanto, entre 1731 e 1738, Portugal resolveu implantar o regime de contratos para a extração de diamantes, o que provocou conflitos entre garimpeiros, escravos e os representantes do governador das Minas, D. Lourenço de Almeida.

O resultado da decisão de Portugal para controlar a exploração dessas riquezas foi a criação de uma condição administrativa especial para garantir a hegemonia da Coroa Portuguesa na mineração. Isto se refletiu na evolução da cidade, desfavorecendo a formação de um espaço urbano arquitetônico na forma de uma praça representativa do poder político e religioso, como era então regra geral nas outras cidades mineiras.

O Tijuco cresceu em ritmo acelerado e se desenvolveu especialmente na época dos contratadores de diamantes Felisberto Brant (1748-1751) e João Fernandes de Oliveira (1759-1771), este último uma figura lendária na história do município devido ao seu romance com a célebre Chica da Silva. Foram estimuladas as construções, o comércio floresceu, surgiram as primeiras igrejas, e o arraial conheceu tempos de grande prosperidade.

Entretanto, os garimpeiros viveram dias de grande opressão durante o regime dos contratos: o poder dos contratadores era tão grande que os transformava em verdadeiros carrascos na execução das ordens de Portugal. O célebre Livro da Capa Verde, código que controlava os atos da população em vários aspectos, era seguido fielmente pelos intendententes. Depois de luta incansável, os tijuicanos conseguiram, em 1821, a reforma do código para diminuir o poder dos intendententes.

No início do século XIX, o arraial rivalizava em tamanho com Vila Rica (atual Ouro Preto), a então capital de Minas Gerais. Na década de 1820, o Tijuco recebeu ilustres visitantes internacionais, como Spix, Von Martius, Saint-Hilaire, Eschwege, John Mawe, dentre outros. A partir de 1828, a povoação viveu novo período em seu desenvolvimento, com a organização da sociedade, o interesse pela cultura e, em consequência, se tornou um dos arraiais mais importantes da época. Em 1831, o Tijuco foi elevado à categoria de vila, com o nome de Diamantina e, em 1838, à cidade com o mesmo nome.

No final do século XIX, a Serra dos Cristais era uma importante área de lazer da comunidade e, atualmente, a plataforma onde se localiza o cruzeiro luminoso (Igreja de Nossa Senhora Aparecida) e a Praça Jardim da Serra (via de calçamento de pedra) forma um importante ponto turístico pela vista privilegiada que oferece da cidade, especialmente da área tombada. O interesse pelo teatro, música e artes em geral tornou-se característica marcante da sociedade local.

O arraial ficou conhecido, pela exploração de diamantes e a enorme quantidade de pedras que eram extraídas da localidade, tornando-se a maior lavra de diamantes do mundo ocidental, no século XVIII. Tanta riqueza deu origem a uma aristocracia opulenta e uma das mais requintadas do período colonial mineiro, que ergueu um rico patrimônio arquitetônico. Tornou-se lendária na imaginação popular

por ter abrigado o romance entre o contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira e a escrava liberta Chica da Silva. É, também, a terra de Juscelino Kubistchek, Presidente da República nos anos 1950 e idealizador de Brasília.

Suas festividades religiosas e populares são atração para os que visitam a cidade, além da arte da tapeçaria, trazida à região pelos portugueses no século XVII, com influências hispano mouriscas, indianas e renascentistas, transformando-a em uma tradição local com a confecção dos conhecidos tapetes arraiolos. Devido à estreita ligação que Diamantina sempre teve com as pedras preciosas, os artesãos de Diamantina se tornaram mestres nos trabalhos de ourivesaria e lapidação. Atualmente, as atividades de mineração ainda constituem a base de sua economia.



[Gruta do Salitre](#)

Fontes: <http://portal.iphan.gov.br/> e <https://viagemcomemocao.com.br/diamantina/>

Redes sociais

Canal Revista Conhecimento & Cidadania

Inscriva-se e compartilhe!

[Assista ao vídeo](#)



Capital do Apocalipse

O Rio de Janeiro como epicentro da guerra cultural no Brasil.



Leandro Costa



Maurício Motta



Colaborador

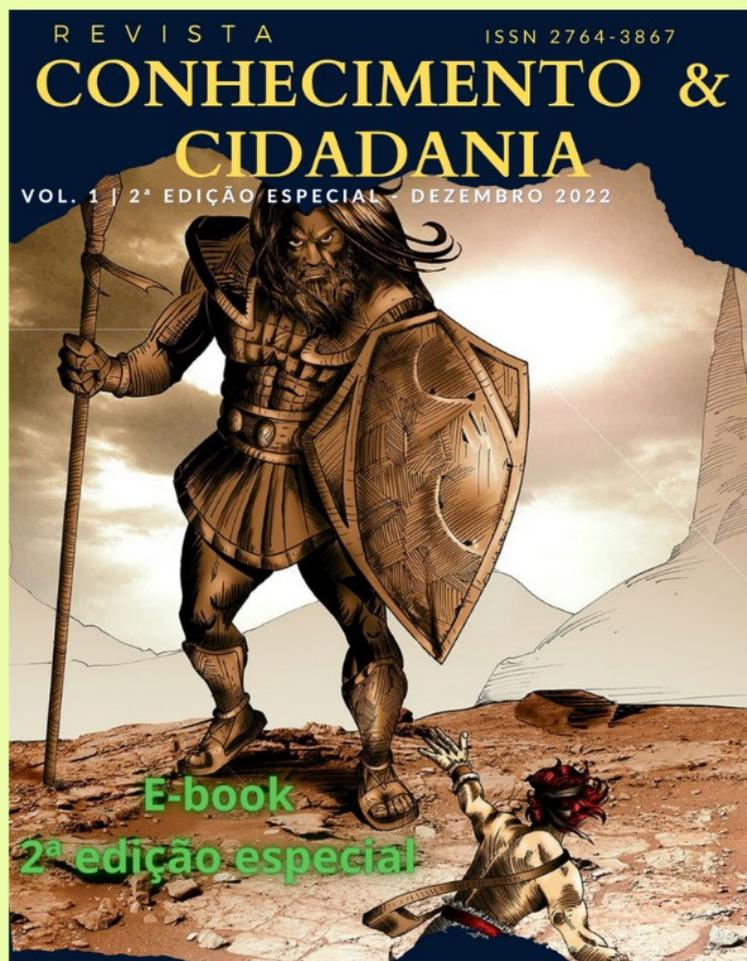


www.direitonasescolas.com

Para ajudar a continuarmos com este trabalho, doe qualquer quantia:
PIX: 28.814.886/0001-26

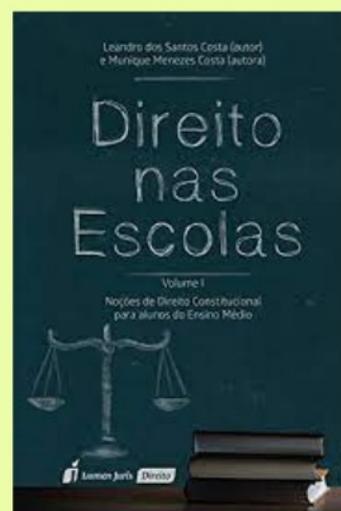
Garanta o seu!!!

Revista Conhecimento & Cidadania



Por Apenas
R\$ 25,00

Na compra do E-book
2ª edição especial
grátis
E-book: Direito nas
Escolas.



www.direitonasescolas.com/livraria

